



GT 41. Etnografia nas cidades e narrativas imagéticas

Coordenador(es):

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Cornelia Eckert (UFRGS)

As cidades em suas complexidades e contradições, suas transformações e suas crises, suas dinâmicas e diferenças são questões antropológicas que receberam importante atenção nos estudos etnográficos. Pesquisas que ao portarem atenção aos antagonismos, aos conflitos e segregações consolidam a prática antropológica e produzem um profícuo debate com base em etnografias urbanas. Elas sinalizam a desnaturalização de realidades sociais, violências, injustiças, discriminações, e disjunções que marcam tais cenários. Não raro, focalizam-se sobre as formas de sociabilidade, os códigos de emoções, as redes de solidariedade, os lugares de identidades e sobre os nós de memórias nos espaços e nos tempos vividos pelos cidadãos, nas territorialidades de convívio ou de pertença. Ao atentarmos para estas produções, percebemos a recorrência à produção de narrativas imagéticas a partir de diferentes suportes como fotográficos, videográficos, fílmicos, sonoros, desenhos e performances. Produção que constitui a estética e estilística da etnografia, e que circula em outras formas relacionadas à pesquisa antropológica: exposições fotográficas, mostras fílmicas, expressões artísticas, audições, em redes sociais online e na web. Buscamos pesquisas que reflitam sobre o urbano, a partir de etnografias que dialoguem com tais representações imagéticas, que apontem para as relações de poder, configurações no campo de pesquisa, memórias e a complexidade das urbes nos diferentes contextos, locais e global.

Auto-representação feminina: intenções sobre uma análise da produção fotográfica contemporânea em Maceió/AL, sob marcadores raciais e de gênero

Autoria: Tayná Almeida de Paula (Universidade Federal de Alagoas)

O presente projeto, inserido na linha de pesquisa PRÁTICAS CULTURAIS, IMAGEM E MEMÓRIA, do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas (PPGAS/UFAL), pretende refletir sobre as possibilidades de construção de uma análise sobre a autorrepresentação de mulheres na produção fotográfica contemporânea em Maceió/AL, sob marcadores raciais e de gênero. Tendo em vista o atual processo de consolidação pelo qual a ?fotografia alagoana? passa, seja através do engajamento de coletivos fotográficos ou do início de um reconhecimento de profissionais da área nacional e internacionalmente, nota-se na cena fotográfica um movimento reivindicatório crescente, a partir de iniciativas individuais e coletivas, sobre a representação fotográfica de mulheres objetificadas sexualmente nas produções oriundas do cisheteropatriarcado. Nesse sentido, uma vez que no campo profissional da fotografia as mulheres ou não tiveram acesso, ou tiveram seus nomes reduzidos, omitidos e negligenciados, o projeto prevê situar o problema das assimetrias de raça e gênero neste campo, especialmente em Maceió, e refletir acerca deste movimento heterogêneo voltado a autoimagem, no qual as mulheres a partir de diferentes experiências e locais de fala, tem subjetivado e politizado o dano sofrido socialmente através de um fotoativismo e da construção de uma nova estética.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: